

Os atuais padrões de desenvolvimento e suas implicações sociais, econômicas e políticas foram registrados, mas os cientistas urbanos pouco avançaram no caminho de seu entendimento, ou seja, sabemos o que está ocorrendo, contudo, não temos pleno conhecimento de suas causas. Neste livro, Mark Gottdiener toma essas afirmações como ponto de partida, ressaltando que acredita ter chegado a hora de compreendermos a atual organização sócio-espacial da vida cotidiana. Com esse intuito, pretende forjar uma nova síntese de idéias sobre o tema da vida moderna e do crescimento urbano contemporâneo.

Nesta obra, Gottdiener discute os seguintes aspectos: a dinâmica dos atuais processos sociais de desenvolvimento metropolitano e regional, o papel do Estado na construção e manutenção do crescimento da cidade dispersa, o papel da ideologia e dos campos semânticos no ofuscamento e mascaramento dos processos reais que atuam na reestruturação do espaço de assentamento e os padrões de organização social responsáveis pela produção de espaço na sociedade moderna.

O livro especifica a maneira como evoluiu a organização social capitalista e, mais que isso, como os atuais aspectos da formação social produziram a nova forma de polinucleação metropolitana. Neste sentido, Gottdiener interessa-se em captar uma visão generalizada dos padrões de crescimento urbano característicos dos Estados Unidos no pós-guerra.

Para realizar suas análises, o autor resgata inúmeros conceitos, entre eles "desconcentração", afirmando que este descreve bem os padrões contemporâneos de desenvolvimento (crescimento polinucleado). Assim, o termo refere-se ao aumento absoluto de população e à densidade de atividades sociais em áreas fora das tradicionais regiões citadinas e dos centros metropolitanos. Nos Estados Unidos, conforme enfatiza Gottdiener, na fase mais contemporânea da desconcentração, os domínios suburbanos superaram as regiões metropolitanas policêntricas.

Para Gottdiener, atualmente, uma desconcentração em escala regional caracteriza os padrões de crescimento do espaço de assentamento. Tal processo envolve, ao mesmo tempo, aglomeração e descentralização dispersas numa escala regional em expansão.

Partindo do princípio segundo o qual os padrões de organização espacial mudaram, o autor propõe uma reconceitualização no campo da ciência urbana. E, a fim de substituir o atual paradigma convencional e ultrapassado desta ciência, apresenta um paradigma novo, alternativo e crítico, derivado do marxismo e que é denominado por ele de *perspectiva de produção social do espaço*. Essa abordagem eleva a categoria espaço a um foco principal de análise junto com as atividades da economia e do Estado.

Assim, a perspectiva "produção do espaço" requer uma síntese entre a economia política marxista e a abordagem do espaço por Lefebvre (que fornece o alicerce teórico para o desenvolvimento da nova abordagem), na qual a relação entre o espaço e o Estado, a luta de classes, a acumulação de capital e o urbano, a desigualdade de desenvolvimento, ideologia e a reprodução das relações de produção pode ser um primeiro passo para esta síntese.

O autor deixa claro que a posição epistemológica defendida pela perspectiva "produção de espaço" parte da idéia que os fenômenos sócio-espaciais são ao mesmo tempo produtos e produtores. Desta forma, a desconcentração é tanto um produto de mudanças contemporâneas quanto um processo de organização sócio-espacial que reage contra outros processos.

A obra de Gottdiener, como ele mesmo destaca, pode ser caracterizada, de um lado, pelo uso progressivo da distribuição espacial como um meio de discutir problemas urbanos e, de outro, por uma relutância em debater a maneira pela qual esses padrões sócio-espaciais são produzidos pelas ações combinadas de forças sistêmicas na sociedade.

Gottdiener destaca que ao examinarmos, superficialmente, as atuais tendências de análise dos eventos e padrões urbanos contemporâneos, podemos identificar sete abordagens: ecologia, geografia e

\* Resenha produzida para a disciplina "Dinâmica econômica e novas territorialidades", ministrada pelos Profs. Eliseu Savério Sposito e Maria Encarnação B. Sposito, no Curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.

\*\* Mestrando. Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060/900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

economia urbanas (consideradas pelo autor como a visão convencional e que domina a produção acadêmica nos Estados Unidos), estruturalismo marxista, economia política urbana, neo-weberianismo e a perspectiva de produção do espaço. Analisa estas formas de abordagens, levantando suas limitações e possíveis contribuições à compreensão da forma contemporânea do espaço de assentamento.

No transcorrer de sua obra, o autor realiza inúmeras críticas, sendo que grande parte delas refere-se à visão estática dos teóricos tradicionais, que ignoram a luta de classes pelo uso da terra. Esta falha é encarada pelo autor como pobreza teórica.

A obra de Mark Gottdiener está estruturada de tal forma que no primeiro capítulo são explicitados os aspectos a serem abordados e as principais perspectivas de análises de seu livro. No segundo, são analisados os paradigmas convencionais: ecologia, economia e geografia urbanas e suas limitações; onde se observa que há muito tempo as obras dos teóricos convencionais vêm questionando sua própria base explicativa. Neste momento, verifica-se que o arcabouço teórico da ciência urbana convencional foi transmitido pela perspectiva ecológica, que se encontra limitada em seu paradigma funcionalista, que apresenta uma visão unidimensional, de explicação causal.

No terceiro capítulo, Gottdiener destaca que as mudanças sócio-espaciais na cidade são reguladas pela lógica de acumulação de capital. O resultado desse processo numa sociedade capitalista é o desenvolvimento desigual e injustiças sociais que são distribuídas tanto espacial quanto demograficamente.

No quarto capítulo são demonstradas as limitações da economia política marxista (a exemplo do negligenciamento sobre o tema: espaço social e seus valores de uso) para se entender a natureza da organização espacial, destacando a natureza ideológica das categorias burguesas de pensamento. Neste momento o autor remete-se às contribuições de Castells e Lefebvre.

No capítulo seguinte é ressaltada a necessidade de reavaliar (assim como colocou Lefebvre) os conceitos de Marx, considerando integralmente o papel do espaço em sua formulação. Desta forma, o autor examina a afirmativa de Lefebvre segundo a qual os interesses dos capitalistas são promovidos quando se usa a própria organização espacial como força de produção.

Na sexta parte da obra, desenvolve-se um modo conceitual de analisar a produção do espaço com base no materialismo. Assim, a produção espacial é analisada como a manifestação material de processos sociais complexos, associados às fases do desenvolvimento capitalista. Gottdiener demonstra que a linha de frente das relações contraditórias que interagem no modo capitalista de produção, está incrustada nas atividades do setor imobiliário, ressaltando que as relações espaciais e sociais estão relacionadas dialeticamente. Por fim, é analisada a natureza das coligações governo-empresários que agem com pouca preocupação pelos desejos da sociedade. Neste momento, destaca três transformações sócio-estruturais que são importantes para se entender a forma contemporânea do espaço de assentamento: intervenção estatal, organização burocrática global e revolução no conhecimento técnico-científico.

Ao discorrer sobre os mecanismos estruturais de capital na produção social do espaço, o autor realiza uma discussão sobre as, que ele considera, três principais teorias urbanas que são pertinentes a relações sociais e são capitalistas por natureza: as estabelecidas por Castells (estruturalismo marxista), Harvey (economia política) e Scott (neo-ricardianismo), todas consideradas limitadas por Gottdiener.

O penúltimo capítulo é dedicado a uma discussão da forma contemporânea do espaço de assentamento. O autor explica como as transformações ocasionadas pelo capitalismo tardio (a partir dos anos 60) afetaram o espaço de assentamento. No capítulo conclusivo, Gottdiener realiza uma abordagem sobre a política pública urbana. Analisa as formas pelas quais um modo qualitativamente novo de raciocínio sócio-espacial pode apresentar alternativas que superem as limitações oferecidas pelas escolas existentes.

A partir destas considerações, faz-se necessário elencarmos as principais assertivas que caracterizam a perspectiva de produção de espaço proposta por Gottdiener, as quais permeiam as análises realizadas pelo autor em sua obra.

1. Tanto as relações espaciais quanto as temporais são intrínsecas a todo aspecto da organização social;
2. Entendem-se os padrões do espaço de assentamento como se fossem produzidos pelo sistema de organização social, que é estruturado tanto vertical quanto horizontalmente. Esse processo envolve forças econômicas, políticas e culturais ligadas dialeticamente e entendidas, não em termos de três práticas distintas, como na abordagem estruturalista marxista, mas através da teoria contemporânea da estruturação, que une forças sistêmicas estruturais com modos voluntarísticos de comportamento;

3. Rotular de “capitalista” o motivo produtor de espaço não significa necessariamente, como afirmam alguns marxistas, que as relações capitalistas se refletem diretamente em formas urbanas. Ao contrário, é o desenvolvimento contínuo desse sistema que vem a ser materializado no espaço em qualquer tempo dado, de tal modo que padrões observáveis de organização sócio-espacial são formas *fenomenais*;

4. O setor imobiliário, inclusive a fração de capital financeiro organizada em torno dos investimentos na terra, é a linha de frente da materialização desse processo de desenvolvimento capitalista tardio no espaço. É constituído de frações de classe, que muitas vezes competem entre si, bem como de redes pró-crescimento que unem interesses de outro modo díspares. Embora as ações desse setor possam ser combinadas e organizadas, não existe nenhum mecanismo abrangente de coordenação;

5. O paradigma convencional explica o desenvolvimento urbano como se o Estado não existisse. Para Gottdiener, o desenvolvimento sócio-espacial é tanto um produto do Estado quanto do setor privado;

6. Além das considerações econômicas e políticas, a produção de espaço se realiza através do desdobramento da ideologia, especificamente através da fixação cultural no crescimento econômico como o principal objetivo de áreas locais;

7. O produto final dos processos capitalistas tardios de crescimento é a desigualdade de desenvolvimento, com uma diferença cada vez maior entre rico e pobre e com a exteriorização dos custos do crescimento para a comunidade em conjunto. O desenvolvimento desigual tem seus correlativos espaciais, mas estes estão sujeitos a constantes mudanças em função das atividades do setor da propriedade;

8. Recentes transformações na matriz espaço-tempo da organização social alteram, fundamentalmente, as condições da vida da comunidade local. Essa nova situação possui duas características principais: a) a segregação espacial de grupos sociais isentou a grande maioria da população da responsabilidade pelo menos afortunado, pois aquela não vive mais na vizinhança deste; b) a ação do espaço abstrato fragmenta *todos* os grupos sociais, e não apenas o menos poderoso, de tal forma que a vida da comunidade local perde a rua e áreas públicas de comunhão em favor da privacidade do lar. Os vizinhos se tornam cada vez mais estranhos devido à falta de experiências comuns.

Diante destas considerações, constata-se que o novo paradigma proposto trata os fenômenos econômicos, políticos e culturais (que convergem para o espaço de assentamento) de uma maneira que eleva novas preocupações ao centro da investigação urbana, redirigindo o pensamento para longe de uma estreita fixação no desenvolvimento econômico.

Assim, a produção social do espaço procura entender a atuação das forças econômicas, políticas e ideológicas conjuntas (desencadeadas pelo capitalismo, desde pelo menos os anos 60), a fim de recomendar o tipo de política pública que possa abolir os transtornos da mudança sócio-espacial.

Ainda com relação aos agentes produtores do espaço urbano, Gottdiener ressalta que a articulação conjunta Estado-setor imobiliário forma a vanguarda das transformações espaciais. Entretanto, destaca-se que esta articulação promove mudanças desordenadas numa escala maciça nos padrões espaciais metropolitanos, visto que não são objeto de uma política coerente de governo.

Na esperança de que este quadro possa ser revertido, Gottdiener relata que existe um consenso crescente de que uma alternativa ao *status quo* é o conceito de democracia econômica. Esse conceito se refere à transferência, em parte, do controle da tomada de decisão econômica para os trabalhadores e o público.

Ao realizar seus últimos enfoques, o autor faz um apelo, reforçando sua idéia: uma maior aceitação do papel transformacional da práxis sócio-espacial requer um redirecionamento do pensamento marxista. Até o momento, não se criou a linguagem de liberação sócio-espacial necessária para uma tarefa desse tipo, na medida em que estamos sobrecarregados com as categorias de economia política.

Gottdiener conclui sua obra destacando que “*o pensamento sócio-espacial deve ser redirecionado de uma análise da economia para a transformação das relações sociais, o que requer um retorno à luta por uma vida comunitária equilibrada que desenvolva no espaço relações sociais transformadoras*”. (Gottdiener, 1993, p.290)

Realizadas estas considerações, partimos do pressuposto de que, ao efetuarmos uma determinada leitura, seja ela de um artigo ou de um livro, ao mesmo tempo em que alguns pontos chamam a atenção e despertam interesse, questionamentos e reflexões vêm à tona. Com base nesta percepção, destinamos os parágrafos finais deste trabalho para registrar alguns aspectos não teóricos da obra "A produção social do espaço urbano", que consideramos importantes àqueles que pretendem realizar sua leitura.

Não esperamos que o leitor avalize todas as considerações elencadas abaixo, mas se estas idéias servirem de alvo para reflexão e discussão, nossos objetivos já terão sido atingidos.

Gottdiener critica as abordagens dos estudiosos convencionais, mas não analisa porque eles não realizaram certos tipos de enfoques. A causa não poderia ser o contexto da época (histórico, político, cultural, econômico etc.) que levava estes autores a se expressarem daquela maneira? No passado não era possível visualizar as transformações e o modo de organização sócio-espacial que Gottdiener tem o privilégio de observar hoje. Este fator ele parece não considerar. As críticas que faz são pertinentes, mas hoje a realidade é outra. E cabe aqui um questionamento: se vivesse naquele tempo, será que ele não cometeria as limitações que tanto critica?

Não concordamos com alguns dos pontos de vista de Gottdiener. Talvez por ser sociólogo, com reflexões mais acuradas no campo da sociologia urbana, o autor critique os geógrafos e economistas, mas deixe claro seu favoritismo pelas análises de Castells e, principalmente, de Lefebvre. Conseqüentemente, em um ou outro momento de sua obra, as análises parecem-nos um tanto quanto "tendenciosas", em favor de sua área de conhecimento. Portanto, transcendem a idéia de que Gottdiener talvez não possua uma visão muito holística do tema de seu interesse.

Por outro lado, observamos também que os dois principais teóricos do espaço urbano, Lefebvre e Castells, por não tratarem do problema da determinação dos valores da terra urbana, também foram alvo de suas críticas. Sabemos, contudo, que a análise econômica do valor da terra é a pedra fundamental da economia política urbana do marxismo, especialmente na obra de Harvey e de Scott.

Em sua obra, Gottdiener aborda alguns temas bastante complexos como, por exemplo, no quinto capítulo: a comunidade como espaço social. Acreditamos que esta questão exige uma discussão teórica muito intensa e não é proveitoso avaliá-la, superficialmente, em apenas três ou quatro páginas.

Como Gottdiener aborda os fenômenos (políticos, sociais, econômicos, espaciais etc.) ocorridos nos EUA, muitos deles não podem ser estendidos como exemplos para explicar a realidade dos espaços urbanos brasileiros, e o leitor deve estar atento a isso.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi a tradução realizada por Geraldo Gerson de Souza. Em algumas passagens, sentimos dificuldade em interpretar o real significado das abordagens do autor, uma vez que as frases pareciam-nos estar "truncadas".

Ciente de nossas limitações teóricas acerca do tema, mas diante de uma inquietação que nos permeia, perguntamos se as abordagens de Gottdiener encontram-se realmente (como o autor parece transmitir) tão além das concepções de alguns intelectuais especializados na questão do espaço urbano de outros países. Por exemplo, aqui no Brasil, existem trabalhos no âmbito da Geografia e da Sociologia Urbanas de elevado valor científico, assim como sérios pesquisadores (a exemplo de Milton Santos e José de Souza Martins), e Gottdiener sequer citou um autor brasileiro em suas análises.

Finalizando nossas reflexões, gostaríamos de conceder o mérito a Gottdiener, porque, ao pretender explicar a forma contemporânea do ambiente construído, resgata, no transcorrer de sua obra, inúmeros conceitos, como: desconcentração, suburbanização, reurbanização, desindustrialização, espaço absoluto, democracia econômica, capitalismo tardio, circuito secundário de capital etc.

Portanto, acreditamos que o aporte a tais conceitos foi muito pertinente, remetendo o leitor a uma reflexão sobre os mesmos. Desta forma, além de enriquecerem teoricamente o livro, são conceitos extremamente importantes para quem pretende navegar por estes mares.